

VIA TEOLÓGICA

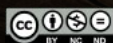
Volume 23 – Número 45 – jun. / 2022

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

A SINFONIA DA ESPERANÇA NO POSLÚDIO DA PANDEMIA DA COVID-19

Dr. Neilson Xavier de Brito



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A SINFONIA DA ESPERANÇA NO POSLÚDIO DA PANDEMIA DA COVID-19

The Symphony of Hope in the postlude of the Covid-19 pandemic

Dr. Neilson Xavier de Brito¹

¹ Doutor em Teologia – Faculdades EST/RS (2020). Mestre em Teologia – FABAPAR/PR (2015). Bacharelado em Teologia (STBNB/1980 – FABAPAR/2012) Pós-graduação em Aconselhamento – FTBSP/2013. Especialización en Epistemologías del Sur. Universidad Sur-Sur. CLACSO/ARG e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/PT (2019). Pastor batista (1981).

RESUMO

Com a pandemia da Covid-19 a humanidade sofreu muitas rupturas e um clima de desesperança impregnou a sociedade. Estado, família, escola, igreja e trabalho sofreram grandes abalos estruturais. A distopia fragilizou a experiência de fé de muitos cristãos, além da posição controversa e negacionista de muitos grupos religiosos. A dor do sofrimento tem marcado o mundo a “ferro/ferrete quente” como se fazia com os escravizados e atualmente com o gado. Morte e vida tornou-se um dilema muito mais próximo da realidade motivado pela insegurança provocada pelos efeitos da pandemia. O pavor da morte que foi comum no início do século XX através da Gripe Espanhola adentra o século XXI com a Covid-19 com mais de 5,5 milhões de mortes no mundo. No Brasil, cerca de 600 mil mortes, onde pobres e negros somam a maioria dos óbitos, afetando diretamente de 6 a 10 pessoas. A pobreza, a violência e a própria natureza que está numa “onda de revolta” através do agravamento climático causado pelo aquecimento solar. A terra está aflita, desesperada, e o povo parece andar em profunda escuridão. Há um jugo opressor, mas a esperança re-nascerá e iluminará todos os que vivem na região da sombra da morte, afirma as Escrituras Sagradas (Isaías 9.1-4). Segundo o evangelista Billy Graham “a humanidade é inundada por notícias de incertezas no mundo. Os corações estão paralisados pelo medo do desconhecido. Mas, segundo um velho ditado escocês: Se não fosse pela esperança, o coração iria se partir”. Através da Sinfonia da esperança – multiplicidade de sons, instrumentos e executantes, objetivamos tratar neste artigo sobre a esperança como o poslúdio, o *Gran Finale* da pandemia da Covid-19. A esperança transforma ou transformará a atual sequidão de estio experienciada pela sociedade. A esperança possibilita que o presente e o futuro possam andar de mãos dadas mesmo diante da tragédia. Por isso, versaremos sobre o Deus da Esperança

e a presencialização da esperança através do Cristo de Deus e do Espírito Santo. Também desenvolveremos um olhar sobre os efeitos da Covid-19 na sociedade atual e seus efeitos políticos e sociais, e a maneira como a esperança nos permite olhar o *Cronos* com a perspectiva de *Kairós*, pela certeza de que o Deus da Esperança que está entre nós nos faz caminhar para um futuro seguro (*eschaton*).

Palavras-chave: Pandemia. Sinfonia. Distopia. Esperança. Futuro.

ABSTRACT

With the Covid-19 pandemic, mankind suffered many ruptures and a feeling of hopelessness permeated society. State, family, school, church and work suffered major structural damage. Dystopia has weakened the faith experience of many Christians, in addition to the controversial and negationist position of many religious groups. The pain of suffering has marked the world with a “branding iron” as was done with the enslaved and currently with cattle. Death and life became a dilemma much closer to reality due to the insecurity caused by the effects of the pandemic. The dread of death that was common in the early 20th century through the Spanish Flu enters the 21st century with Covid-19 with more than 5.5 million deaths worldwide. In Brazil, about 600 thousand deaths, where poor and blacks account for the majority of deaths, directly affecting 6 to 10 people. Poverty, violence and nature itself, which is in a “surge of revolt” through the deteriorating climate caused by solar heating. The land is afflicted, desperate, and the people seem to walk in deep darkness. There is an oppressive yoke, but hope will be reborn and enlighten all who live in the region of the shadow of death, asserts the Holy Scripture (Isaiah 9:1-4). According to evangelist Billy

Graham “humanity is awash with news of uncertainty in the world. Hearts are paralyzed by fear of the unknown. But, according to an old Scottish saying: ‘were it not for hope, the heart would break’”. Through the Symphony of Hope – a multiplicity of sounds, instruments and players, we aim in this article to deal with hope as the postlude, the Gran Finale of the Covid-19 pandemic. Hope transforms or will transform the current dryness of summer experienced by society. Hope makes it possible for the present and the future to go hand in hand even in the face of tragedy. So we will talk about the God of Hope and the presence of hope through the Christ of God and the Holy Ghost. We will also develop a look at the effects of Covid-19 in today’s society and its political and social effects, and the way in which hope allows us to look at Cronos from the perspective of Kairos, for the certainty that the God of Hope who is among us leads us towards a safe future (eschaton).

Keywords: Pandemic. Symphony. Dystopia. Hope. Future

INTRODUÇÃO

No cancionero popular nordestino a música *Paraíba* (1946) de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira² faz referência à *ribeirão* que na linguagem popular designa aves-de-arribação – uma espécie da ave migratória que se reproduzem nas caatingas nordestinas, mas que fogem do sertão durante a seca. Em sua poesia revela que “quando a lama virou pedra e o Mandacaru (espécie de cactos) secou, ribeirão de sede bateu asa e voou. Foi aí que eu vim me embora carregando a dor”. Temos a impressão de que diante da

2 Luiz Gonzaga do Nascimento (Exu, 13 de dezembro de 1912 – Recife, 2 de agosto de 1989) foi um compositor e cantor brasileiro. Também conhecido como o Rei do Baião, foi considerado uma das mais completas, importantes e criativas figuras da música popular brasileira. Humberto Cavalcanti Teixeira (Iguatu, 5 de janeiro de 1915 – Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1979) foi um advogado, deputado federal e compositor brasileiro. É nacionalmente conhecido como parceiro de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Um grande sucesso da dupla é a composição Asa Branca, lançada em 1947. Foi advogado, político, instrumentista, poeta, compositor, fundador e Presidente da Academia Brasileira de Música Popular. (Wikipédia)

“seca” que a terra vive nesse tempo da pandemia da Covid-19, a esperança tornou-se uma ave-de-arribação.

Neste sentido recordamos o escritor e biólogo Mia Couto (Antônio Emílio Leite Couto -1955) ao afirmar a necessidade sobre o falar cotidianamente da esperança para que não nos esqueçamos da sua importância. Apesar das referências às lutas pela independência de Moçambique e Angola, o princípio é válido: “nas lutas das nossas independências era preciso esperança para termos coragem. Agora, é preciso ter coragem para ter esperança” (COUTO, 2011, p. 69). A desesperança compromete perspectiva do futuro.

Ainda Mia Couto em “Agora é preciso coragem para ter esperança” percebe ou mesmo acolhe o futuro, a partir de uma interpretação pós-moderna de dimensão fluida. Sobre o futuro afirma:

Escolher o futuro como tema é enfrentar um universo de conflitos e ambiguidades. Porque o futuro apenas existe numa dimensão fluida, quase líquida. [...] Na realidade, no momento atual e global, muito de nós deixamos simplesmente de querer saber o futuro. E parece recíproco: o futuro também não quer saber de nós. Estamos tão entretidos em sobreviver que nos consumimos no presente imediato. Para uma grande maioria, o porvir tornou-se um luxo. Fazer planos à longo prazo é uma ousadia a que grande maioria foi perdendo o direito. Fomos exilados não de um lugar. Fomos exilados da atualidade. E por inerência, fomos expulsos do futuro (COUTO, 2018, p. 1-13).

Esperança pressupõe a possibilidade, e como experiência de fé, a certeza de um futuro. As palavras do profeta Jeremias reforçam o ânimo ao declarar: “Pois eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor; planos de paz e não de mal, para vos dar um futuro, uma esperança” (Jr 29.11). Precisamos lembrar que o futuro vale a pena ainda que as circunstâncias nos tentem alijar do futuro. “Todos os dias uma silenciosa mensa-

gem nos sugere o seguinte: o futuro não vale a pena. [...] Infelizmente foi-se generalizando uma atitude de descrença” (COUTO, 2018, p. 1-13).

A desesperança não é resultado apenas das decepções políticas ou religiosas, ainda que a Covid-19 tenha agravado a distopia – lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação; esse alheamento precede o momento em que vivemos. Precisamos considerar, que na condição de ‘exilados da atualidade e expulsos do futuro’ e de acordo com Mia Couto, “esse mundo já não nos inclui nos seus sonhos. Não é uma doença angolana ou moçambicana. É assim em todo mundo” (COUTO, 2012, p. 7). Não é apenas uma condição exclusiva:

Esta não é a condição apenas de milhões de pessoas, mas de muitos países do nosso continente (africano) e do mundo. O amanhã se tornou demasiado longe. Mais do que longínquo, tornou-se improvável. Mais do que improvável, tornou-se impensável. [...] O que essas imagens todas, vindas de todos os lados nos dizem o seguinte: não, não fomos apenas nós nações periféricas que falhamos. Algo maior falhou. E o que está desmoronando é todo um sistema que nos disse que se propunha tornarmo-nos mais humanos e mais felizes. [...] Agora é preciso coragem para ter esperança (COUTO, 2018, p. 1-13).

Para o escritor moçambicano a desesperança ou o desânimo se tornou uma doença contagiosa caracterizada pela fatalidade. E passivamente cedemos a essa contaminação como que arrastados por uma perda de equilíbrio e que essa contaminação se expande para sempre (COUTO, 2018, p. 1-13). Na contramão desse sentimento, Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* nos chama de volta à esperança, quando a considera um imperativo existencial:

A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo em que não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo. Não sou esperançoso por pura teimosia,

mas por imperativo existencial e histórico. [...] Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída (FREIRE, 2016, p. 15-16).

Por isso, quando pensamos em escrever sobre a esperança não a observamos como uma ave-de-arribação que bateu asas e voou para longe, mas a esperança é real; é presente. A fé sem dúvida nos oferece essa confiança. O teólogo alemão, pós-guerra, Jürgen Moltmann³, “O teólogo da Esperança” numa referência o texto de Romanos 15.13 – “E o Deus de Esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo” declara: “‘O Deus da Esperança’ isso é inusitado. Em nenhum outro lugar no mundo das religiões, Deus está vinculado com as esperanças humanas de futuro” (MOLTMANN, 2008, p. 21). Sim, reafirmamos nossa fé no Deus das Escrituras em quem aguardamos o *eschaton*, entretanto também cremos na esperança de um mundo mais justo a partir de suas conquistas através das expectativas políticas e da práxis do Evangelho de Cristo.

3 Jürgen Moltmann (nascido em 8 de abril de 1926) é um teólogo reformado alemão que é Professor emérito de Teologia Sistemática na Universidade de Tübingen e é conhecido por seus livros, tais como Teologia da Esperança, O Deus Crucificado, Deus na Criação e outras contribuições para a sistemática teologia. Jürgen Moltmann é o marido de Elisabeth Moltmann-Wendel, uma notável teóloga feminista. Jürgen Moltmann descreveu sua própria teologia como uma extensão das obras teológicas de Karl Barth especialmente a Dogmática da Igreja, e descreveu seu próprio trabalho como Pós-Barthiano. Ele recebeu doutorado honorário de várias instituições, como a Duke University (1973), a University of Louvain na Bélgica (1995), a Alexandru Ioan Cuza University na Romênia (1996), a Chung Yuan Christian University em Taiwan (2002), a Universidade Evangélica da Nicarágua (2002) e a Universidade de Pretória na África do Sul (2017). Moltmann foi selecionado para proferir as prestigiosas palestras Gifford em 1984–85 e recebeu o prêmio Grawemeyer em religião do Seminário Teológico Presbiteriano da Universidade de Louisville e Louisville de 2000. Moltmann desenvolveu uma forma de teologia da libertação baseada na visão de que Deus sofre com a humanidade, ao mesmo tempo em que prometia à humanidade um futuro melhor por meio da esperança da Ressurreição, que ele rotulou de ‘teologia da esperança’. Muito do trabalho de Moltmann foi desenvolver as implicações dessas ideias para várias áreas da teologia. Moltmann tornou-se conhecido por desenvolver uma forma de trinitarismo social. Suas obras mais famosas são: Teologia da Esperança e O Deus Crucificado. Fonte: https://pt.abcdef.wiki/wiki/Jurgen_Moltmann.

A esperança amplia a nossa resiliência, a nossa capacidade de enfrentamento da crueldade que às vezes nos são impostas pelas vicissitudes da vida. Sem a esperança nos tornamos cada vez mais desumanos. A desesperança gera uma fome de caminhos, o que nos faz caminhar por “estradas mortas”, que de acordo com Mia Couto, não nos levam a lugar nenhum (COUTO, 2018, p. 1-13). Por isso, a esperança precisa vencer a desesperança.

Particularmente, quando pensamos sobre esperança, a música invade a nossa memória. Daí, o título “A Sinfonia da Esperança no poslúdio da pandemia da Covid-19”. Sinfonia, porque define uma composição caracterizada pela multiplicidade de executantes, instrumentos e timbres – todos os sons juntos e poslúdio ou *Gran Finale*, a parte final da peça musical destinada ao encerramento de uma cerimônia. cremos que a *Sinfonia da Esperança* possibilitará a junção de todos os fragmentos causados pela pandemia na audição/construção de um novo tempo (*Kairós*).

46

A ideia de uma *Sinfonia da Esperança* nasceu do Concerto “O Maestro em busca da última Música” realizado na Sala São Paulo em 19 de novembro de 2019 com a Brasil Jazz Sinfônica e promovido pela Keren Kayemet Lelsrael Brasil em comemoração aos 75 anos da libertação dos campos da concentração da Segunda Guerra Mundial. Regido pelo maestro italiano Francesco Lotoro com partituras compostas e recuperadas desses campos de concentração (COHEN, 2020). Sobre a obra, afirma Cohen no mesmo site:

Grande parte dessas composições, muitas das quais escritas em milhares de manuscritos, em partituras e folhas despedaçadas e até rabiscos em papel higiênico ou em sacos de carvão, foram criadas por judeus, mas há também músicas feitas por presos políticos, comunistas, homossexuais, ciganos e religiosos. “A música pode se tornar o último testamento de algumas pessoas e em alguns casos, como na época do Holocausto, foi o que se perpetuou para as futuras gerações. Assumi a missão de fazer com que essas

obras voltem à vida e que sejam ensinadas, tocadas, cantadas e assobiadas por todos de forma a perpetuar a vida onde havia morte”, destacou Francesco Lotoro (COHEN, 2020).

Durante 30 anos, Lotoro tem se dedicado à missão de resgatar e tornar público a existência desse patrimônio cultural, catalogando cerca 1,6 mil compositores e transcrição de mais de oito mil partituras. Tal acervo encontra-se em um espaço cedido pelo governo italiano denominado de *Cittadella Della Musica Concentrazionaria*, em Bartella. A música era então um ato de resistência de esperança. Já que não se poderiam resgatar os corpos dos campos de concentração, tornou-se possível restar suas mentes e corações através da música. A música precisa ser ouvida, a humanidade não pode esquecer. A esperança precisa ser lembrada diariamente. Lotoro assumiu a missão de fazer tornar à vida estas canções para serem tocadas, cantaroladas, assobiadas. Seu propósito: perpetuar a vida onde só havia morte.

Sobre o concerto, afirmou Eduardo El Kobbi, presidente da KKL Brasil:

Realizamos um sonho, com este grande concerto que marcou a abertura das comemorações dos 75 anos da libertação dos campos de concentração. Nessa noite de música, conhecemos o resultado de um trabalho absolutamente único, realizado nos últimos 30 anos pelo extraordinário e abençoado maestro italiano Francesco Lotoro. Um esforço sobre-humano de alguém que, guiado por um interesse histórico e humanitário maior, inspirado na solidariedade e na ideia de que a arte em geral e a música em particular têm a capacidade de transformar as pessoas e mudar o mundo, dedicou sua vida a resgatar composições desconhecidas, de músicos anônimos. Em comum, esses músicos trouxeram a história e as marcas da barbárie, em seu estado mais terrível: todos foram prisioneiros dos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. A maior parte deles acabou executada. Mas todos

eles tiveram o condão de nos mostrar um legado, ao tirar beleza e arte da mais dura e cruel condição a que um ser humano pode ser submetido. À crueldade instalada, devolveram o sublime. Aos maus-tratos, a harmonia e o ritmo pulsante. À barbárie, responderam com música e beleza. Foi isso que celebramos aqui hoje, enfatizou emocionado (COHEN, 2020).

A esperança faz renascer a dignidade. Por isso se constitui um ato de resistência de fé e que se estende a todos os setores da sociedade humana. Claro que a desesperança não somente cria, mas também fortalece as linhas abissais. Por isso, o confronto da desesperança, observado também em alguns momentos como um desvio teológico ensinado tão somente como uma resignação e tratada como “vontade de Deus”, trata-se inclusive, de uma luta política e social. A desesperança pode nos transformar em mortos-vivos. Qual a razão da vida? Apenas o *eschaton* sem percebermos o *status quo*?

48

Portanto, em primeiro lugar, trataremos nesse artigo sobre o Deus da Esperança e sua caminhada história. O Deus da Esperança está vivo esse faz presente no *ser* e *vir-a-ser* da existência humana. Onde poderemos encontrar o Deus da Esperança nos textos das Escrituras? Em segundo lugar, refletiremos sobre a presença do Deus através da presença de Cristo e do Espírito Santo e finalmente, enfatizaremos a maneira como a esperança nos permite olhar para a realidade (*cronos*) com uma expectativa de esperança para o futuro (*Kairós*).

1. O DEUS DA ESPERANÇA, A HISTÓRIA E UM OLHAR SOBRE A TEOLOGIA DA ESPERANÇA

“Ora, o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz na vossa fé, para que abundeis na esperança pelo poder do Espírito Santo” (Rm 15.13).

A vida é o grande palco onde a história é tecida. Em todo esse processo de construção histórica, cremos que Deus se faz presente. Por isso, a vida é caracterizada pelo seu aspecto dinâmico, ainda que necessariamente, Deus não esteja reduzido a esse processo. Por isso, G. E. Wright (1909-1974) em *O Deus que age* contesta a *práxis* da fé tão somente limitada ao “estado das coisas” quando afirma:

[...] a fé bíblica nunca poderá ser uma religião de *status quo* para quem a professa. Ao contrário, os fiéis devem aguardar mudanças e revoluções dinâmicas, porque Deus é dinâmico em seu Ser, não se confunde com o processo da vida e engaja-se na direção ativa da História para o cumprimento de seus propósitos. A tensão que Ele provoca no âmago da existência exclui da visão do crente um tipo de paz que resulta da integração do homem no ritmo cíclico da natureza. E a vida humana deve sujeitar-se à vontade soberana de Deus (WRIGHT, 1967, p. 23-24).

Se de acordo com o Wright (1967, p. 22), “a natureza do Ser divino e de sua vontade é revelada através dos atos históricos, que Ele mesmo provoca” e que o próprio Deus transcende a natureza e a História, a esperança concedida a partir a experiência com o “Deus da esperança” também estaria além do “estado das coisas” e sempre apontando para o futuro apesar de toda e qualquer circunstância. Deus irrompe na história trazendo transformação resultante da esperança.

H. H. Rowley (1890-1969) em *A fé em Israel – Aspectos do pensamento do Antigo Testamento*, asseverava que “o AT reiteradamente sustenta é que Deus veio aos homens através dos eventos históricos para revelar a sua natureza e vontade. É nos momentos importantes da história (geral e particular) que se encontra a revelação” (ROWLEY, 1977, p. 17). Diante do exposto então, também é possível deduzir que a esperança de igual modo, se revela, ou se encarna, nos momentos da história do cotidiano. E o Deus da Bíblia, “é alguém que está por detrás da

natureza e a governa, mas que pode servir-se dela para revelar ‘um pouco’ da sua glória” (ROWLEY, 1977, p. 23). Sobre isso, ainda afirma o autor:

Para os hebreus, como para muitos outros, Deus não se limitava a ficar por detrás dos ordinários processos da natureza, na sua condição de criador e sustentador do universo: agia no âmbito desses processos no intuito de se servir dos aspectos mais aterradores da natureza para advertir ou ajudar o seu povo (ROWLEY, 1977, p. 26).

Desse modo, podemos compreender que Deus sempre se fez presente em todos os momentos da história humana. Deus se revela em todos esses processos históricos. A fé em Deus é realista e esperança também se caracteriza pela realidade. Rubem Alves (1933-2014) em *Da liberdade* sobre essa relação história-realidade-esperança afirma: “esperança sem história e história sem esperança são igualmente abomináveis, pois significam ser a libertação humana impossível” (ALVES, 1987, p. 153). A esperança não nega a realidade-histórica, por isso, ainda aqui citamos Alves:

a esperança tem de ser a linguagem do possível, se quiser moldar e determinar a ética enquanto ciência e atividade que tem por objetivo tornar a esperança é um fato histórico. Em decorrência, a esperança não pode ser confundida com fantasia ou ilusão, pois se deriva da história e entrevê, a partir da experiência do passado, aquilo que possível para a história. Ela consiste na extrapolação, para o futuro, da experiência histórica humana com as políticas de libertação do passado. Na esperança a razão não desempenha a função de descrever aquilo “que é”. Ela não mais se “conforma com este mundo”, mas mostra-se livre da crítica “que é”, em favor do que poderia ser. Consequentemente, “apenas a esperança deve ser chamada de realista”, observa Moltmann, “pois somente ela considera seriamente as possibilidades que habitam o real. A esperança não torna as coisas como se fossem inertes, mas sim como progredindo, movendo-se com a possibilidade

de mudanças” [...] A esperança expressa aquilo que é possível para história, e assim, o que pode ser tornado histórico através da atividade da liberdade (ALVES, 1987, p. 153-154).

A esperança e a concepção de liberdade, ainda que às vezes se apresentem como um vislumbre utópico, esperança e liberdade andam lado a lado. Mesmo que a afirmação de Alves apresente a esperança como a linguagem do possível, ela ultrapassa o limite da “história possível”. A esperança traz à existência as coisas que ainda humanamente não se façam realidade ou estariam tão somente no campo da possibilidade. Sobre a experiência de fé de Abraão, o apóstolo Paulo afirma na carta aos Romanos 4.17 “(como está escrito: *Por pai de muitas nações te constituí*) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, que vivifica os mortos, e chama as coisas que não, como se já fossem”.

Convém lembrarmos que o diálogo entre esperança, liberdade, realidade histórica e o futuro envolve momentos de tensão entre o presente e o futuro. Sobre esse tensionamento afirma Alves:

A linguagem da libertação humana tem suas raízes no presente. Ela fala a partir das dores de um presente que quer se tornar liberto, mas ao qual não é permitida a transformação de seu projeto em história. Desta forma, o universo de discurso de tal linguagem encontra-se determinado, por um lado, pela liberdade de consciência que, existencialmente, sente as contradições inumanas do presente e espera por um novo amanhã no qual elas serão superadas, e, por outro lado, pela realidade da frustração e do desespero criados pelas condições objetivas do poder na história que aborta as tentativas de libertação humana (ALVES, 1987, p. 159).

Um dos desafios na compreensão e interpretação da esperança e o seu envolvimento com o Deus da esperança, é a sua relação paralela entre o *eschaton* e a realidade histórica sem que haja pontos de convergência. Mas a esperança a partir da fé no

‘Deus da esperança’ é a grande possibilidade de uma transformação de uma caminhada presente que nos impulsiona para o futuro, tornando a convergência possível.

Sobre essa dicotomia muitas vezes evidente entre *eschaton* e a realidade da vida, segundo Moltmann em *Paixão pela vida*, faz com que a morte seja colocada antes da vida, ainda que a vida anteceda a morte. A sociedade vai se acostumando; ninguém se espanta e a indiferença vai sucumbindo à própria apatia, o que revela que a humanidade está doente (MOLTMANN, 1978, p. 11-12). Assim só nos restará o *eschaton* – uma esperança de um futuro apenas na eternidade sem qualquer relação com o presente hodierno. Entretanto, “Deus é apaixonadamente envolvido com a criação, com os homens e com o seu futuro. [...] Quem vive em comunhão com este Deus apaixonado, não pode permanecer apático” (MOLTMANN, 1978, p. 14-15). A esperança não floresce no terreno da apatia. Ela transforma o solo. A apatia que aparentemente quer nos livrar da morte, nos tira a vida, espalhando a rigidez da morte (MOLTMANN, 1978, p. 18) cerceando qualquer forma de transformação histórica a partir da esperança. Mas, “a vida cristã, como ocasionalmente se dizia no passado, é a ‘*ars Deo vivendi*’ a arte de viver com Deus e para Deus”. Somos assim ‘artistas da vida’ e isso nos aponta para esperança (MOLTMANN, 1978, p. 21).

Precisamos compreender que existe uma tensão e que o “estilo de vida cristã emerge da tensão entre o silêncio da contemplação (que não significa indiferença) e a paixão do amor pela vida e pela liberdade dos outros” (MOLTMANN, 1978, p. 28). A esperança é coletiva e nos põe diante do fato de que “somos (todos) aceitos, libertos e redimidos por Deus no contexto amplo de sua história com o mundo (MOLTMANN, 1978, p. 28). O Deus da esperança está presente na história do mundo, e não apenas no particular do seu povo espiritual (1Pe 2.9-10). A misericórdia, que também interpretamos como base da esperança, é um ato inclusivo de Deus em sua plenitude. Deus sempre age em favor

do outro. Por isso, na condição de cristãos somos direcionados a partir da história de Jesus, na medida em que somos os narradores (*Kerigma*) e o povo que vivencia essa história (*práxis*).

Diz Moltmann que “quando combinamos nossas histórias de sofrimentos e esperanças com a história de Jesus, temos comunidades cristãs. A história de Jesus é uma biografia coletiva, aberta para o futuro” (MOLTMANN, 1978, p. 38). Daí é possível conceber que a esperança não é restrita apenas ao povo de Deus (Igreja), mas compartilhada com o povo, que no grego - “*ochlos*”, significa ‘massa’ sem orientação e direção, multidão sem significado político ou espiritual. São homens e mulheres sem comunidade definida, sem pátria, lar ou família, desorganizada e sem identidade coletiva” (MOLTMANN, 1978, p. 38-39).

A esperança estabelece ou restaura o rumo. Cria estradas de acesso. Auxilia o homem como sujeito na construção da própria história, o que não significa apartar-se da dependência de Deus. E isto acontece na medida em que o Cristo da Igreja, exaltado nas alturas (Fp 2.9-11) e o Cristo do povo, encarnado (Jo 1.14), que sempre foi o Filho do Homem para o pobre e desabrigado, se torne o Cristo da Verdade e não existe esperança sem Verdade, o que resulta em liberdade (Jo 8.32,36). Por isso, a esperança está longe de ser um sentimento de alienação. Quanto mais esperançoso está o sujeito em Deus, mais esperançoso estará este sujeito diante de sua trajetória humana. A esperança precisa ser trazida para a terra. A fé nos oferece essa possibilidade. Recorremos a Pierre Furter em *A Dialética da esperança* para reafirmamos que esperança está dissociada da ilusão, mas, por outro lado fundamentada na fé.

A esperança é um princípio na medida em que nos reanima o passado e nos orienta ao passado e que visa ao futuro. [...] É um princípio que atua e constitui a história humana. [...] A esperança não nasce apenas de uma ilusão dos homens sobre si mesmos, mas radicalmente das suas respostas às suas fragilidades, às suas faltas, aos seus fracassos (FURTER, 1974, p. 67-69).

Sobre a importância da fé na perspectiva da esperança, ressaltamos Cornélio Fabro (1911-1995) em sua obra *Deus*, fazendo referência ao pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) quando comenta sobre a fé de uma criança, afirma que: “a fé em Deus [...] não é resultado de uma sabedoria erudita, mas é o sentido puro da simplicidade, é o ouvido da inocência escutando a voz da natureza que lhe diz que Deus é o Pai” (FABRO, 1967, p. 23). É claro, que do ponto de vista judaico-cristão a nossa esperança está na figura paterna de Deus e aqui podemos recordar das palavras de Jesus, por ocasião da *Parábola do amigo importuno*, quando afirma que Deus, na condição de Pai sempre nos dará o melhor. (Lucas 11. 11-13) Cremos ser a esperança uma dádiva do amor de Deus ou como afirma Billy Graham (2018, p. 9) em *A razão da minha esperança; Resiliência e perseverança para nunca desistir*, “um presente de Deus”, o que não impede que tenhamos a consciência política dessa esperança como poder de transformação.

54

Entretanto, convém registramos que, a exemplo da Pandemia da Covid-19⁴, grandes tragédias vividas pela humanidade, ampliam o espaço para o ateísmo, o ateísmo prático, conforme o pensamento de Fabro, e que pode persistir por certo espaço de tempo. Diz o autor que “a pressão dos problemas concretos da vida, a excitação das paixões, um ambiente familiar indiferente e uma educação laica, podem durante certo tempo, desviar o interesse homem do problema de Deus” (FABRO, 1967, p. 47). Claro que, uma educação confessional, não oferece a garantia de um não afastamento de Deus, mas é possível observamos

4 A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de Corona vírus, é uma pandemia em curso de COVID-19, uma doença respiratória causada pelo Corona vírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus tem origem zoonótica e o primeiro caso conhecido da doença remonta a dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Em 20 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em 11 de março de 2020, como pandemia. Em 27 de outubro de 2021, 244 434 997 casos foram confirmados em 192 países e territórios, com 4 962 804 mortes atribuídas à doença, tornando-se uma das pandemias mais mortais da história. Já em 11 de janeiro de 2022, 5.510.000 de mortes confirmadas no mundo. Fonte: Wikipédia (05/10/2021).

que durante os tempos de grandes dificuldades pode haver uma ruptura entre o sentido da esperança a partir da fé em Deus e a esperança a partir de uma concepção tão somente política. Particularmente, cremos que essa ruptura poderá ser observada e experimentada numa pós-pandemia.

Entretanto, Fabro nos chama atenção ao fato de que “a procura de Deus é o sinal mais autêntico da vida espírito porque, a respeito de Deus, cada época da história da humanidade, cada civilização e as próprias consciências individuais se repetem, na medida em que se relacionam com o Absoluto” (FABRO, 1967, p. 7). Por isso, mesmo em meio à pandemia e pós-pandemia a busca por Deus continuará, isso porque é a “necessidade que o homem sente de Deus para compreensão do seu ser e da realidade” (FABRO, 1967, p. 10). “Deus é ponto de partida e ponto de chegada de tudo. Dele tudo tem início e a Ele tudo retorna” (FABRO, 1967, p. 34).

Fabro percebia Deus como “o princípio e o termo de todo agir, começar e querer” (FABRO, 1967, p. 34). O que o torna então:

o Deus verdadeiro e consistente para a vida do homem – ‘o Deus-moral’, conhecido por experiência de vida interior; com o qual se procura entrar em comunhão de vida espiritual: que é amparo do dever e dispensador da graça, centro da unidade sobrenatural e mística, onde no amor, se encontra a liberação da individualidade (FABRO, 1967, p. 43).

Convém lembrarmos que a esperança não somente resgata a dignidade, mas devolve ao ser humano a sua dignidade que é vital para essa “liberação da individualidade”. A desesperança torna a vida obscura, sem um horizonte futuro, a contrapartida disso, seria a esperança que nos é dada como expressão do amor de Deus. A esperança é fundamental para a vida. Retomamos aqui o pensamento de Paulo Freire quando afirma que a esperança é “uma necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade on-

tológica” (FREIRE, 2016, p. 14). Freire declara: “Não sou esperançoso por uma pura teimosia, mas por um imperativo existencial e histórico” Mas por quê? Porque como programa “a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo em que não é possível juntar as forças ao embate recriador do mundo” (FREIRE, 2016, p. 14). O *ser* preza pela individualidade e a individualidade necessita do ‘espaço criativo’ produzido pela esperança. Sem esperança as individualidades tornam-se apenas massa.

Moltmann citado por Ed. L. Miller e Stanley Grenz em *Teologias Contemporâneas*, a partir das experiências nos campos das prisões aliadas declarava que:

Enquanto olhava para trás, vi um jovem prisioneiro de guerra encarcerado um campo inglês. Seu horizonte ali era o arame farpado, e embora a guerra já tivesse terminado há algum tempo [...] a esperança batia naquele arame e se desfazia! Ninguém pode viver sem esperança. Vi homens nos campos que havia perdido a esperança. Eles simplesmente se entregavam, adoeciam e morriam. Quando na vida a esperança hesita e se desfaz, uma tristeza que vai além de todo o consolo toma conta da pessoa. Já a esperança incomoda e inquieta. A pessoa não se contenta mais com a situação, com a forma como as coisas estão. (Por isso) Deus é aquele que nos acompanha e acena para que nós caminhemos. É Deus que, por assim dizer, nos espera mais adiante (MILLER; GRENZ, 2011, p. 124-125).

Na realidade, Moltmann trazia a esperança para o cotidiano da vida e estava convicto de que a “esperança nasce da promessa de Deus em relação ao futuro, baseia-se na cruz e na ressurreição de Jesus Cristo e chega até nós em nossa realidade histórica atual por meio da obra do Espírito” (MILLER; GRENZ, 2011, p. 127). Moltmann tinha como objetivo fazer as pessoas pensarem por conta própria, refletirem sobre a sua própria história e quando essa história está ligada ao ser de Deus, passa a ter consequências sérias em sua interação social e política (MILLER; GRENZ, 2011, p. 126-142).

Antes de avançarmos em nossa temática, precisamos considerar, ainda que este não seja o nosso foco conceitual neste artigo, que não há unanimidade por parte de muitas escolas teológicas em relação à Teologia da Esperança – *Theologie der Hoffnung* (1964).

Battista Mondin em *As Teologias do nosso tempo* aponta que, enquanto na América do Norte explodia o movimento da Teologia da Morte de Deus marcado pelo diálogo com o neopositivismo⁵, na Alemanha surgia a Teologia da Esperança, que a exemplo da Teologia da Morte de Deus desaparecida quase que abruptamente, surgiu também da necessidade de dialogar com o ambiente cultural da época, em especial o marxismo. Convém lembrar que o homem dos anos sessenta a partir dos avanços espaciais, técnicos e econômicos, trazia em si, uma ideia de um futuro ‘cor-de-rosa’, uma filosofia serena quanto ao futuro. Mas essa não era a realidade do mundo, e um grupo de teólogos começou a trilhar o caminho da escatologia cristã. Ernst Bloch (1885-1977) filósofo marxista tirou do esquecimento a esperança, apesar de relevante para a filosofia, permanecia pouco considerada para a teologia e em estado de alienação. A teologia da Esperança devolve à esperança o seu lugar de destaque na experiência humana, assumindo a partir de Moltmann, um lugar como princípio hermenêutico, o centro na teologia e disposta a dialogar com a esperança utópica de Bloch (MONDIN, 1978, p. 69-77).

Sobre Deus, ou sobre a importância da Doutrina de Deus para a Teologia da Esperança, afirma Mondin que:

5 A teologia da morte de Deus (ou teologia radical ou ateísmo cristão) é a forma como ficou conhecido um movimento teológico, relacionado ao conceito de secularização, que se deu durante a década de 1960. A partir de um artigo publicado pela revista Time com o título Christian Atheism: The “God Is Dead” Movement (em português, “Ateísmo cristão: o movimento ‘Deus está Morto’”), quatro teólogos foram agrupados no movimento: Thomas Altizer, Paul van Buren, William Hamilton e Gabriel Vahanian. No entanto, apenas Hamilton e Altizer se enquadram em todas as características do movimento. Hamilton e Altizer distinguiram dez acepções distintas para a expressão “morte de Deus”. As duas primeiras são: “Que Deus não existe e jamais existiu. Esta é a posição do ateísmo tradicional: “Que outrora existiu um Deus; adorá-lo, glorificá-lo, crer nele, não era somente possível, mas até necessário; hoje, porém, esse Deus não existe mais. Esta é a posição da morte de Deus, quer dizer, da teologia radical”. Fonte: https://cristianismo.wikia.org/wiki/Teologia_da_morte_de_Deus.

Os teólogos da esperança são concordes em rejeitar a tese dos teólogos da “morte de Deus” segundo a qual Deus, embora admitindo que tenha existido no passado, hoje teria cessado definitivamente de existir, para permitir ao homem que adquira plena maturidade e completa autonomia. Os teólogos da esperança consideram esta tese absurda e blasfema. Com os teólogos tradicionais consideram demonstrável a existência de Deus. Porém, não aprovam o seu processo de procurar indícios da sua existência mediante a análise do ser do homem ou também do mundo. Os teólogos da esperança movidos por uma forte vontade de diálogo com o homem moderno, um homem que eles consideram totalmente fechado e insensível às especulações metafísicas, consideram ineficaz e também errado este processo, e acusam-no até de ter provocado “morte de Deus”. Reconhecem que em consequência da secularização ‘tudo o que é presente na experiência humana do mundo está em medida cada vez maior sob a total sobreposição do homem e aparece agora imediatamente originado por ele. O que hoje no mundo impressiona imediatamente e em primeiro lugar o nosso olhar, não são os *vestígios de Deus*, mas sim os *vestígios do homem*. A criação de Deus aparece – no caminho da sua hominização – cada vez mais mediada e filtrada pela obra do homem, por isso, Deus aparece privado do mundo, e, por conseguinte, feito invisível (MONDIN, 1978, p. 83).

Grande parte das questões levantadas está na transcendência e imanência de Deus. Segundo Mondin, para “os teólogos da esperança não pode conceber Deus como ser transcendente, porque não se podem isolar as manifestações de Deus do próprio Deus. O Deus da Bíblia só é Deus enquanto se revela como Deus. Não seria o Deus do Universo, se não fosse o Senhor do Universo” (MONDIN, 1978, p. 85). Talvez o impacto causado pela Teologia da Esperança no *homo sperans* – aquele que espera por algo, que tem fé em alguma coisa, diante da teologia de um Deus distante ou até mesmo inexistente, agora diante de um

Deus presente e particularizado na história. Também não podemos desconsiderar a interpretação político social dessa teologia na América Latina, especialmente através de Rubem Alves (1933-2014) e Gustavo Gutiérrez (1928 -), o que causou desconforto na teologia mais conservadora. Quando a história se torna um processo (único) pelo qual Deus realiza o seu próprio eu, a liberdade divina se torna limitada, e a própria imanência (absoluta) o torna cativo, pois tem a sua transcendência contida na espacialidade (MILLER; GRENZ, 2011, p. 144). A história não é suficiente para conter Deus.

Stanley J Grenz e Roger E. Olson em *A Teologia do Século 20 e os anos críticos do Século 21 – Deus e o mundo na era líquida*, considerando que a Teologia Cristã tem buscado manter um equilíbrio entre as verdades bíblicas da transcendência e da imanência divina (GRENZ; OLSON, 2013, p. 11) tecem alguns ‘senões’ em relação à Teologia da esperança. Para os autores os teólogos do “ateísmo de protesto” que usavam o Holocausto e Hiroshima como argumentos contrários a existência de Deus e que o Deus do cristianismo tradicional excluía a liberdade humana e a responsabilidade pelo mundo existente (GRENZ; OLSON, 2013, p. 201). Afirmam ainda:

A resposta dos teólogos da acomodação foi aceitar essa proposta ateísta, muitas vezes reduzindo as crenças tradicionais do cristianismo a símbolos das aspirações humanas. O “Deus” deles acabava se dissolvendo numa quase total imanência, como no caso da teologia do processo ou desaparecia por completo como no “ateísmo moderno”. Os teólogos da reação responderam às crescentes forças da secularização e ateísmo refugiando-se numa fortaleza de emoção, misticismo e confessionalismo anti-intelectuais, que se contentava em condenar do “espírito da época”. O Deus deles pairava distante dos problemas humanos, rumo à irrelevância, e aparecendo somente nos acontecimentos sobrenaturais do passado distante ou do futuro próximo - como

no dispensacionalismo – ou nos acontecimentos extáticos do presente – como no movimento carismático. Nem a acomodação e nem a reação, no entanto, mostraram-se satisfatórias como resposta teológica às esperanças e aos desencantos revolucionários da época (GRENZ; OLSON, 2013, p. 201-202).

Exatamente nesse contexto surgiu a Teologia da Esperança de Moltmann, que buscava um “ponto de contato entre a cultura contemporânea com a escatologia da esperança que caracterizava a igreja primitiva” (GRENZ; OLSON, 2013, p. 202). “Uma esperança realista fundamentada na história e na experiência; a esperança no futuro baseada na cruz e na ressurreição de Jesus Cristo” (GRENZ; OLSON, 2013, p. 203). Uma esperança caracterizada pela não acomodação. Sua teologia está centrada na vinda do “reino de glória” de Deus, “cumprimento divinamente prometido da glória de Deus na plenitude da liberdade e comunidade dos seres humanos, bem como a libertação da própria criação do cativeiro da ruína” (GRENZ; OLSON, 2013, p. 205). A Teologia da Esperança não é estática; está em movimento até que Deus seja “tudo em tudo”. Para Moltmann, “o futuro não é apenas biblicamente correto como também mostra o caminho para a solução dos problemas e dos impasses da teologia contemporânea” (GRENZ; OLSON, 2013, p. 205).

Ainda para Moltmann, “o que acontece na História acontece em ‘Deus’ porque a cruz abre Deus para o mundo” (GRENZ; OLSON, 2013, p. 213). A encarnação faz Deus presente e presente também na história. Esta relação entre transcendência e imanência – “*E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...*” (Jo 1.14) é relevante na teologia da esperança. E os cumprimentos históricos que confluem transcendência e imanência, não esgotam as promessas divinas. Teologia e História não são dissociadas:

Para Moltmann é absolutamente essencial a realidade da História como o que existe para ser contradito. Ele argumenta que, por causa do mal e do sofrimento, ‘Deus não é a base deste mun-

do e nem a base da existência, mas é o Deus do reino vindouro que transforma radicalmente o mundo e nossa existência'. [...] A transcendência de Deus, então, não está no fato de ele ser o Criador e Sustentador do mundo que já existe. A transcendência está no fato de Deus ser o poder que transforma o mundo presente do ponto de vista do seu futuro ao negar o que é negativo nele e ao atraí-lo para dentro do reino da glória. Do mesmo modo, a imanência de Deus é seu caráter futuro imanente exercendo influência sobre cada momento, contradizendo tudo o que contradiz a glória do seu reino. No entanto, a concepção de Moltmann não é dualista. Para ele, o futuro de fato penetra o presente e o passado, desencadeando acontecimentos que agem no sentido de impeli-lo para o futuro. Esses acontecimentos prolepticos (que se repete em intervalos mais curtos) ou antecipatórios são obras de Deus, no qual ele está verdadeiramente presente em sofrimento e poder e, desse modo, imanente no mundo. As maiores dessas ocorrências foram acontecimentos ligados a Jesus Cristo, especialmente sua crucificação e ressurreição, e ao envio do Espírito Santo. [...] Fazendo uso da declaração de Bonhoeffer de que "somente o Deus sofredor pode ajudar" Moltmann iniciou um novo capítulo legítimo na teologia, no qual o sofrimento de Deus é quase uma nova ortodoxia, que poucos questionaram seriamente (GRENZ; OLSON, 2013, p. 211,212,219).

Dentre os questionamentos apresentados por Grenz e Olson, estaria no fato se no caso, as bases teológicas da doutrina, em especial da Trindade, fossem teológicas-bíblicas, ou resultado de especulações políticas e sociais? Entretanto, a teologia conservadora tem dificuldade em ligar com qualquer teologia que considere o "aqui e agora" da humanidade em condições de necessidades – políticas, sociais, econômicas, culturais. Retomando, outro questionamento feito aos teólogos da esperança, é a possibilidade do "Deus" dessa teologia ter sido criado à imagem do ideal do teólogo de uma sociedade igualitária – 'uma

projeção nos céus da essência humana idealizada' (Feuerbach). (GRENZ; OLSON, 2013, p. 219).

Os críticos de Moltmann contradizem a sua teologia na medida em que “a história do mundo é levada para dentro da história interior divina de tal modo que a divindade de Deus é levada a ser ontologicamente dependente da história do mundo e Deus só pode vir a ser por meio do completamento da história do mundo” (GRENZ; OLSON, 2013, p. 220).

Retornamos ao pensamento de Mondin, que em suas reflexões sobre a teologia da esperança, os teólogos parecem esquecer a presença do mal na história, presente nas verdades escatológicas do juízo final e inferno. A ideia de um final colossal e triunfalista, onde todos serão proclamados vencedores e coroados em glória, mas também haverá um desfecho dramático. Diz o texto: *“Quando, pois vier e o Filho do homem na sua majestade, e todos os anjos com ele, então se sentará sobre o trono da sua majestade; e serão todas as gentes congregadas diante dele, e separará uns dos outros como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas a sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde benditos do meu Pai, possui o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo... Então dirá também aos que estiverem à esquerda: Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e para os seus anjos”* (Mt 25.31-4). Por isso esperança não é fácil (MONDIN, 1978, p. 92-93).

Também Mondin afirma que:

Outra grave reserva diz respeito à desatenção que constantemente se encontra nos teólogos da esperança para o mistério do mal, do pecado, da reprobção, da condenação. Esquecem que muitas vezes os profetas falam, além de anúncios de salvação e de consolação, anúncios de desgraças e de castigos. Assim, por exemplo, Isaías proclama: “Ai da nação pecadora, do povo carregado de iniquidade, da raça corrupta, dos filhos malvados. Abandonaram o Senhor, blasfemaram os

Santos de Israel, voltaram para trás” (Is 1.4) A mensagem profética é sempre, em larga medida, constituída do anúncio da ira divina do seu juízo e da sua condenação (MONDIN, 1978, p. 92).

Entretanto, precisamos considerar que essa seria uma interpretação unilateral da Teologia da Esperança, considerando que em todos os textos proféticos encontramos promessas de esperança, de restauração. A fé cristã é uma fé firmada na esperança. Sobre isso, Mondin afirma: o cristianismo é um a religião de futuro – não é estática; é de gente insaciada que tem fome e sede de justiça; é a religião de um futuro transcendente ou “Absoluto” – é o encorajamento para o compromisso de um futuro histórico melhor e também é a religião em que terá um futuro seu – um futuro transcendente, o Reino de Deus (MONDIN, 1978, p. 97-99).

A respeito de um olhar sobre a Teologia da Esperança, Jonas Roos em seu verbete sobre essa teologia, lembrando que, a partir do crescimento do movimento pentecostal no Brasil e na América Latina, questões subjetivas tomaram primazia em relação à realidade, o que passa a ser conflitante com percepção de uma teologia firmada na esperança e na realidade histórica (*aqui e agora*). Diz então Roos:

[...] essa esperança não se fundamenta na realidade existente (mas não a ignora), não surge como consequência de nossa experiência, mas é a condição para que novas experiências se tornem possíveis. Ao mesmo tempo em que se aponta para uma nova realidade, a esperança cristã é crítica da realidade presente. Em nome de Deus o cristão critica toda a realidade que quer se impor como absoluta, e nesse sentido, substituir o próprio Deus. A paz com Deus gera simultaneamente um conflito com a realidade existente e a esperança de uma realidade vindoura, o que leva a Igreja e a pessoa cristã a viverem uma expectativa criadora. Na medida em que a Teologia da Esperança fornece elementos para uma interpretação crítica da realidade e, si-

multaneamente, pra a percepção do lugar da esperança e da perspectiva de uma nova realidade, ela fornece chaves importantes para a realidade latino-americana para o fazer teológico nesse contexto (ROOS, 2008, p. 980).

Portanto, não é de se estranhar que esse “fazer teológico” que move o *homo sperans* no desejo de transformação do *status quo*, cause desconforto nas “coisas como estão”. Somos movidos para frente a partir do Deus da Esperança. Mas quem esse Deus da Esperança?

No capítulo intitulado Teologia da Esperança: nos primeiros tempos e hoje (ROOS, 2008, p. 21-38) a partir do texto de Paulo aos Romanos 15.15 – “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo” Moltmann diante da expressão “o Deus da esperança – ο δε θεος της ελπιδος” – adjetiva a atitude de Deus de inusitada (fatos, ocorrências ou circunstâncias fora do comum) e afirma:

Por todos é conhecido o Deus que está no céu e na terra, que de eternidade a eternidade sempre tem sido o mesmo. Todavia, um Deus da esperança, que está adiante de nós e caminha à nossa frente, existe somente na Bíblia. Um Deus que não somente esteve aqui entre nós, que está e estará, mas também um Deus que vem (Ap 1.4) Aqui se trata do Deus que, desde o futuro, vem ao nosso encontro. Isto é algo novo! Este é o Deus que possibilitou a Israel o êxodo da casa da escravidão. O que Deus que esteve adiante do seu povo durante o dia em uma coluna de nuvem e durante a noite. Ele é Deus da ressurreição de Jesus Cristo e conduz o seu mundo por meio do fogo e do vento impetuoso do Espírito Santo. Este Deus vem ao nosso encontro desde o seu futuro. Nós somos esperados por ele. Ele quer morar na terra prometida com o seu povo. [...] O futuro são as cores da alvorada usadas em todos os quadros pintados pelo Cristianismo. [...] Crer, significa viver na presença do Ressuscitado e de se dei-

xar orientar pelo reino vindouro “assim na terra como no céu”. Uma fé viva desperta todos os nossos sentidos para o novo dia. Na expectativa do Cristo que vem, vivenciamos nossas experiências cotidianas: nós nos saudamos e nos despedimos; largamos coisas e achamos outras; aguardamos e nos apressamos; esperamos, mas também temos paciência; oramos e nos mantemos despertos: a uma espera por nós, em qualquer nova manhã, em qualquer novo dia, Quando morrermos, sabemos que do outro lado da margem do rio está Jesus. Ele nos espera para a festa da vida eterna (ROOS, 2008, p. 21-22).

A esperança se realiza entre o tempo *ser aqui* e o *vir a ser*. Entre o tempo presente com suas implicações históricas e o *eschaton*. Mas vivemos o presente na expectativa do futuro, o que também envolve fé; fé no Deus da Esperança.

O Negro Spiritual *Deep River/Rio Profundo*⁶ de autoria anônima e popularizada a partir de 1916 por Henry Tracker Burleigh em “*Jubile Song USA*”, traduz essa contradição e ao mesmo tempo na contemporização, entre o tempo presente e o futuro, num ambiente de sofrimento causado pela escravização, na batida do ritmo da lavoura e da certeza de que um dia esse sofrimento acabaria. Por isso, assim se expressa à poesia:

Rio profundo, meu lar além do Jordão. Rio lindo, Senhor, eu quero ir através dos prados! Oh, tu não queres ir para a Terra Prometida, aquela terra onde tudo é paz? Oh tu não queres ir para Terra Prometida, onde tudo é paz? Rio profundo, meu lar além do Jordão. Rio lindo! Senhor eu quero ir através dos prados (COUTINHO, 1968, p. 48-50).

Ao revisitar os *Negros Spirituals* tenhamos em mente, que um dos grandes desafios da Teologia da Esperança está entre o interregno do *aqui e agora* e o futuro que se avizinha – o *eschaton*, apesar de estar num tempo imperfeito, ainda a ser consumado.

6 Deep river, my home is over Jordan. Deep river, Lord, I want to cross over into campground. Oh, don't you want to go to that gospel feast. That promised land where all is peace? Oh don't you want to go to that promised land.

A teologia da Esperança não é caracterizada pelo conformismo desse *ser e estar agora*, mas por uma teologia dinâmica, histórica e criativa, que crer na presença do Deus da esperança que interfere no presente como parte encarnada na construção desse futuro, enquanto aguardamos o reino vindouro.

Aqui recordamos Freire quando se refere ao papel do educador e da educadora progressista, uma vez que compreendemos também, que o teólogo “não pode, nem deve se omitir, ao propor sua ‘leitura do mundo’ (salientando) que há outras ‘leituras de mundo, diferentes da sua e às vezes antagônicas a ela” (FREIRE, 2016, p. 155). Sem dúvida, esse tipo de leitura(s) nos auxilia no equilíbrio das visões e interpretações teológicas.

A Teologia da Esperança não é “acomodada”, “escravizada” ou “oprimida” pela realidade do presente. Tem movimento. Sempre nasce num ambiente em que tem o oprimido como sujeito (FREIRE, 2016, p. 11). Convém lembrar que a opressão tem vários aspectos, inclusive o espiritual. Mesmo diante das tragédias da vida, a esperança oferece possibilidade para o presente e futuro possa dar às mãos nessa caminhada. Entretanto, do ponto de vista judaico-cristão essa caminhada não é possível sem o Deus da esperança. Não se trata de uma caminhada “*solo*”.

Gerhard von Rad em *A realidade de Deus* numa tentativa de dar resposta à indagação sobre a realidade de Deus, que parece importuna para o homem atual/intelectual, pois seu esforço concentra se concentra em buscar respostas para reconhecer-se a si mesmo e seu mundo. Para von Rad são inúteis os esforços para que possamos nos compreender, se não buscarmos nos entender a partir de Deus (RAD, 1981, p 401,410). Por isso, Deus faz parte do *homo sperans* (homem que é fundamentado na esperança já citado anteriormente e tem espera uma esperança, que se renova a cada dia que passa. homem que é fundamentado na esperança já citado anteriormente e tem espera uma esperança, que se renova a cada dia que passa). Ainda segundo o teólogo veterotestamentário:

Somente de diante de Deus e com Deus o homem pode ser homem. A perda desta relação leva logo e indubitavelmente à desumanização, pois a vida sem Deus é também vida sem proteção. A paz interior ou numa linguagem mais atual, o sentimento de segurança no mundo de hoje só se encontra em Deus. *‘Rocha minha não te cales para comigo, para que não suceda, se cales acerca de mim, seja eu semelhante aos que descem à cova’* (Slm 28.1) Vê-se claramente que quando Deus se cala, o homem decai e é incapaz de auxiliar-se a si próprio no seu atordoamento. [...] Toda a iniciativa procede de Deus. Não obstante os acontecimentos chamados históricos, o profeta sente-se seguro todos os lados na mão de Deus. Os profetas sofriam por que os homens não atentavam para essa realidade (RAD, 1981, p 410-419,421).

Unicamente através de/em Deus poderemos nos lançar na esperança de um futuro, que é expectativa do bem, de que ainda existe um melhor que estar por vir, que estar adiante, em que nossos passos em direção a esse ‘melhor’ são precedidos pelo próprio Deus.

Na carta de Paulo aos Romanos 5.4-5 encontramos a afirmação que “e a perseverança a experiência e a experiência a esperança; e a esperança não desaponta, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”. A esperança está fundamentada/arraigada no amor de Deus.

Segundo Paulo, o substantivo esperança – *ἐλπις* – tem sentido de antecipar a expectativa do bem, no sentido cristão, o regozijo, expectativa confiante na eterna salvação. Por isso, a esperança não desaponta/envergonha/frustra ou sofrerá desilusão (*καταισχυνω*- voz ativa indicando o agente ou autor da ação, isto é, aquele que deposita a esperança em Deus) e por quê? Porque a esperança está derramada (*εκκεχυται* – derramado, despejado, distribuído amplamente em nossos corações). O tempo perfeito

indica que a ação foi completada no passado, de uma vez por todas, não sendo necessária a repetição. A voz passiva indica que nós estamos na posição de quem recebe/recebeu a ação. Segundo o texto, o amor de Deus (αγάπη του θεου) foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado/outorgado (διδωμι) onde o aoristo evidencia a relevância da ação em relação ao tempo, a voz passiva indica que nós, os que temos esperança, estamos sob ação do Espírito Santo, o que nos oferece garantia na expectativa dessa esperança (LIBRONIX, 2021).

Ernst Hoffmann em seu verbete sobre *Esperança/Expectativa* (*elpis/apokaradokia*) considera as palavras denotam o ato de esperar o ‘objeto esperado’, isto é, ‘as coisas boas esperadas’. Por isso, esperança implica na expectativa do bem futuro e que a esperança antecipa, através da fé, essa expectativa. Sobre a esperança no Novo Testamento, Hoffmann, apresenta três aspectos: **1. Seu conteúdo** – Nunca é egocêntrico; pelo contrário, sempre tem Cristo e Deus como seu centro. Não se trata apenas ou exclusivamente de uma benção individual, mas é coletiva no reino universal de Deus, no qual Ele será “tudo em todos” (1Co 15.28). **2. Sua base** – a esperança não depende das boas obras ou da lei, mas sim da obra graciosa e redentora de Deus em Cristo, que é “a nossa esperança” (1Tm 1.1) e **3. Sua natureza de dádiva** – “Como *elpis agathê* (boa esperança), a esperança é a dádiva da graça do Pai (2Ts 2. 16) como também é a fé, e, portanto, é despertada pela mensagem da salvação (CI 1.23) (HOFFMANN, 2000, p. 709).

De maneira intencional, começamos a pensar sobre esperança a partir da ótica do Novo Testamento, mas agora, se faz necessário essa percepção a partir do Antigo Testamento. Abraham Joshua Heschel em *Deus em Busca do Homem* afirma que “o conhecimento de Deus é o conhecimento do viver com Deus” (HESCHEL, 2006, p. 127). A esperança envolve essa vivência com Deus. Resulta dessa caminhada com o Deus da Aliança. Até porque “o homem não tem sentido sem Deus, e qualquer

tentativa de estabelecer um sistema de valores, baseado no dogma da autossuficiência do homem, está condenado ao fracasso” (HESCHEL, 2006, p. 92). A busca de Deus pelo homem, permite a esse homem o encontro como o Deus que o busca, o que significa a redescoberta de um futuro – esperança. Heschel descreve assim essa nova expectativa:

O homem moderno está se recuperando, gradualmente, do choque de concluir que, intelectualmente, não tem mais o direito de sonhar; não tem mais o direito de chorar sua perda, ansiando por coisas de que pode precisar, mas para as quais se tornou indiferente. Na verdade, há muito tempo ele deixou de confiar no seu poder de acreditar ou mesmo na sua dor pela perda da vontade de acreditar. Um temor rasteja por nossas noites. Não existe uma só casa em nossas que não tenha, pelo menos, uma alma se lamentando no meio de alegrias, aterrorizada pelas próprias conquistas, consternada pela própria servidão às suas necessidades, pela própria inabilidade de confiar no que está apreciando e valorizando (HESCHEL, 2006, p. 45).

A esperança em Deus devolve a possibilidade da libertação e de um vislumbre de um novo amanhã. Mas aquilo que esperamos não é resultado de um profundo anseio que nasce em nossas mentes, mas naquilo que esperamos no/do próprio Deus e naquilo em que Ele, Deus, se propõe realizar – fatos históricos e aí podemos esperar (descansar) nas promessas de Deus.

John E. Hartley, sobre esperança, afirma ser “a esperança tem um abrigo permanente no coração do homem. Enquanto houver futuro, haverá esperança (Pv 23.18). Mas somente o fiel pode realmente expressar a esperança no futuro, pois este pertence exclusivamente a lavé” (HARTLEY, 1998, p. 1328). Na realidade, essa esperança (com firmeza) é uma grande expressão de fé.

A esperança veterotestamentária está sempre em Deus. É expressão da confiança em nas promessas e exortações do Senhor. Sobre o tema, afirma Hoffmann:

(1) Como atitude subjetiva, a esperança da fé, assim como a esperança secular, é uma expectativa pessoal. A despeito do “ainda não” da realização da salvação, olha para frente em confiança, embora não sem tensão. Jáve então, por Quem a fé espera, não é como nós, os homens. Sendo que ele conhece, promete e realiza aquilo que está reservado no futuro, para o Seu povo, a esperança obtém uma certeza sem paralelo no âmbito da revelação. [...] (2) A submissão ao domínio soberano do Onipotente acompanha de perto a antecipação confiante da providência graciosa de Deus. Deixam-se nas mãos dEle o tempo e o modo cumprimento. (3) Através da confiança e da humildade, a esperança fica sendo uma espera paciente e perseverante que pode suportar a ansiedade. (4) O esperar em Deus realmente torna os homens “quietos”, mas não inativos (HOFFMANN, 2000, p. 706-707).

70

A esperança vétero e neotestamentária se estende tanto ao coração quanto à visão. A ideia de “esperar por” ou “ter a expectativa de” refletem uma experiência de fé. Para Moltmann (2008, p. 26) essa fé é dependente da força da esperança e por meio dessa esperança, “a razão humana adquire o despertar de todos os sentidos”. Entretanto, convém lembrar que a esperança é cristocêntrica e que sofre a atuação direta do Espírito Santo.

2. O DEUS DA ESPERANÇA VEIO A NÓS NA PESSOA DE CRISTO E DO ESPÍRITO SANTO

Mondin (1979-1980, p. 197-200) reconhece que o eixo central da fé e da reflexão teológica está na pessoa de Cristo. “Cristo é tudo”. Este também é o princípio da teologia de Moltmann, onde desenvolve uma Cristologia sistemática com foco na vida de Cristo, sua crucificação e ressurreição. Moltmann faz um diálogo entre a teologia da esperança e teologia da cruz. “A teologia da esperança baseia-se na ressurreição de Cristo crucificado,

vale dizer, na esperança cristã; a cruz é parte de todo o nosso sofrimento, dos nossos desprazeres e das nossas frustrações, mostra como é profunda a nossa esperança” (MONDIN, 1979-1980, p. 200). Moltmann enfatiza então, não a ressurreição do Cristo crucificado, mas a crucificação do Ressuscitado, colocando em evidência o poder de Cristo, onde a morte/crucificação não pôde detê-lo, o que reforça a esperança no Ressuscitado.

Segundo Mondin, Moltmann orienta a sua Cristologia para o futuro e não para o passado – ela fala de Jesus e do seu futuro. “Ele é a nossa esperança” (CI 1.27) e são as promessas em Cristo que se tornam a garantia da nossa esperança. Afirma ainda Mondin:

A esperança cristã espera do futuro de Cristo não só a revelação, mas também o cumprimento final (...). Não uma mera repetição e não apenas revelação da história, mas algo que até agora não ocorreu por meio de Cristo. A espera cristã não se volta a nenhum outro a não ser para o Cristo que veio, mas espera dele algo de novo, algo que ainda não aconteceu: espera que se cumpra a justiça de Deus que foi prometida por meio de sua ressurreição, espera que se cumpra a senhoria daquele que foi crucificado, estendendo-se a todas as coisas e prometidas em sua glorificação (MONDIN, 1979-1980, p. 199).

Toda a esperança está firmada/confirmada no Cristo crucificado e ressurreto – o próprio Jesus histórico. Para Moltmann “assim como a cruz e a ressurreição não podem ser separadas da pessoa de Cristo, da mesma forma elas não podem ser dissociadas da nossa vida” (CI 2.6-12) (MONDIN, 1979-1980, p. 200). A esperança é um ato de ressurreição para quem experimenta/experimentou a crucificação.

Devemos recordar que Jesus Cristo seguiu o caminho do abandono (Dn 7.13-14; Mt 8.20) e do sofrimento (Fl 2.5-8) para encontrar pessoas perdidas e desesperançadas. (M 9.12-13). A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir a um fatalismo,

que externamente ou espiritualmente nos foi imposto. E somente o Deus que sofre (encarnado em Cristo) pode nos ajudar. A isto chamamos de esperança.

Sobre a maneira como Deus veio até nós, escreve Moltmann:

A esperança cristã futura se fundamenta em uma lembrança histórica segura. Esta é a presencIALIZAÇÃO do Cristo de Deus, que veio ao nosso mundo. Ele fez da nossa vida a sua própria, transforma assim a terra num lugar de esperança. Tal fato diferencia a esperança cristã de todos os outros sonhos e temores futurísticos que ouvimos com frequência nos últimos dias. [...] Sempre que penso em Cristo sinto a proximidade de Deus e da vastidão do seu reino. A primeira imagem pela qual fui achado por Cristo foi a imagem daquele, que desesperançado, prisioneiro e torturado na cruz dos romanos, gritava por Deus. Eu me senti compreendido por ele como por um amigo que se torna partícipe em nosso destino. Cristo seguiu o caminho do sofrimento e do abandono para procurar pelas pessoas abandonadas e, assim, se tornar irmão delas. (Hb 2.11-12; Mt 23.8) Isso me tocou de modo especial: Deus abandonou o seu Cristo para que Ele viesse ao meu encontro no estado de abandono e me achasse. Descobri, assim, em seu destino, algo que ainda não tinha trabalhado em meu próprio destino. Algo de sua presença em minha própria vida (MOLTMANN, 2008, p. 13).

Moltmann ainda em sua *Teologia da Esperança* reafirma a centralidade da esperança no poder de Cristo, por isso, “a esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra a sua verdade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão” (MOLTMANN, 1971, p. 5). A esperança em/de Cristo será sempre uma contradição diante do *modus vivendi* de uma sociedade alinhada por uma desesperança imposta. O presente é contra-

ditado diante de um futuro possível. “É nessa contradição que a esperança deve mostrar sua força” (MOLTMANN, 1971, p. 7). Ao enfrentarmos a contradição entre as promessas divinas e a realidade caracterizada e experimentada no sofrimento, na dor e na morte, a fé se apoia/fundamenta sobre a esperança, e de certa maneira “se lança fora desse mundo” (MOLTMANN, 1971, p. 6). A fé é a estrada por onde transita a esperança.

Sobre a fé, destacamos aqui, aspectos do pensamento de Moltmann.

[...] Crer significa, na realidade, transpor fronteiras, transcender, estar em êxodo. Mas isto de tal forma que a realidade incumbente, não é subestimada nem sobestimada. [...] O pecado permanece pecado e o sofrimento continua sendo, mesmo par a fé, um clamor sem resposta imediata. A fé transcende essas realidades, não se refugiando no céu ou na utopia, nem sonhando estar em outra realidade. Ela pode passar os limites da vida humana, murados por sofrimentos, pecados e morte, somente lá onde eles foram realmente derrubados, somente pela aceitação do Cristo ressuscitado do sofrimento, da morte, do abandono de Deus e do túmulo, ela ganha perspectiva para a amplidão – onde não há sofrimento – para a liberdade e para o gozo. [...] A fé reconhece a irrupção deste futuro amplo e livre no evento de Cristo; a esperança, que aí se inflama mede os horizontes que se abrem para uma existência antes fechada (MOLTMANN, 1971, p. 6-7).

Somos unidos a Cristo através da fé, e a esperança vem abrir este vasto futuro de/em Cristo. Sem a esperança a fé se torna inócua, perde seu poder de voz. A fé nos faz esperar – dar ou ter esperança; animar(-se), estimular(-se), esperar(-se). A esperança é a espera, a partir da fé, das promessas de Deus. Sobre essa relação entre fé e esperança, Calvino em A Instituição da Religião Cristã Tomo 2 afirma:

Ora, onde quer que essa fé esteja viva, não poderá se dar que não tenha consigo por companhia a esperança da salvação eterna, ou melhor, ela a engendra e produz. Desaparecida a esperança, por mais que discorramos sobre a fé de modo eloquente e elegante, estamos convencidos que não há fé em nós. Pois se a fé, como já ouvimos, uma convicção certa acerca da verdade de Deus, coisa que não nos pode mentir, enganar ou ser inútil para nós, aqueles que conceberam essa certeza esperam, ao mesmo tempo, que Deus cumpra suas promessas, as quais, como estão convictos, não podem ser senão verdadeiras. De maneira que, em suma, a esperança não é outra coisa que não a expectativa daquelas coisas que a fé acreditou verdadeiramente prometidas por Deus. Assim a fé crer que Deus é veraz, a esperança espera que em seu devido tempo, revele sua verdade. A fé crê que Deus é nosso Pai; a esperança espera que se mantenha sempre assim para conosco. A fé crê que nos é dada a vida eterna; a esperança espera que um dia se nos revelará. A fé é o fundamento sobre o qual a esperança repousa; a esperança alimenta e sustenta a fé. Pois, assim como só pode esperar algo de Deus aquele que antes tenha acreditado em suas promessas, é necessário, da mesma maneira, que a fragilidade de nossa fé seja sustentada e mantida esperando e confiando com paciência, a fim de que não caia desfalecida. Razão pela qual Paulo coloca devidamente nossa salvação da esperança (Rm 8.24) (CALVINO, 2009, p. 65-66).

Moltmann observa que na vida cristã a fé exerce o papel de prius (percorrer antes, antes de seus antecessores), mas a esperança detém o primado (de maior importância em relação ao demais, primeiro lugar). Sem o conhecimento de Cristo a esperança se torna apenas um sonho, uma utopia; sem concretude (MOLTMANN, 1971, p. 7).

Também, segundo Moltmann, a esperança cristã também se fundamenta na experiência vivificante do Espírito Santo, além da contemplação de Cristo (MOLTMANN, 2008, p. 14). Experi-

mentar as “energias do Espírito Santo” A esperança não apenas se trata de uma expectativa, mas do vivenciar os “poderes do mundo vindouro” (Hb 6.5) Claro que esta é uma compreensão limitada aos olhos do homem natural (1Co 2.14). Isso acontece a partir da fé. Por isso, a esperança cristã não implica em alienação ou um estado de torpor. Sobre o Espírito afirma Moltman:

Mas quem é o Espírito Santo? Para mim o Espírito Santo, é o espírito da vida que vitaliza todas as coisas por ele tocadas. Ele é a presença vital de Deus no mundo. O dom da presença deste Espírito de Deus é o que de maior e mais maravilhoso pode ser experimentado por todas as formas de vida, tanto em âmbito pessoal quanto comunitário. No Espírito Santo não está presente um tipo qualquer de espírito entre tantos outros, mas Deus mesmo, o Deus vivo que é criador, libertador e salvador. Onde está o Espírito, ali está Deus de modo especialmente presente. Não em forma de onipresente (atributo de Deus- Onipresença), mas na forma de automanifestação. E onde Deus se manifesta, ali Ele partilha de si mesmo. As energias criativas de sua vida eterna abundam e perpassam nossa vida mortal, e a fazem desde dentro, plenamente viva. E onde quer que sintamos o Espírito de Deus, ali nós experimentamos Deus. Como? Por meio de nossa vida. Nós experimentamos a vida curada e redimida, amada e amável. Não experimentamos a vida apenas como uma nova espiritualidade do coração ou nova teologia da cabeça, mas com todos os nossos sentidos, como uma nova vitalidade da vida. Nós sentimos e degustamos, ouvimos, cheiramos e vemos nossa vida em Deus e Deus em nossa vida, assim como é dito em I João 1.1-2. [...] A presença divina nos cerca por todos os lados. E isso nos permite desenvolver a nossa vida para todos os lados. Nós podemos movimentar em Deus e Deus morar em nós. Deus não é somente uma pessoa com a qual podemos falar, mas também o espaço no qual podemos desenvolver nossas vidas (MOLTMANN, 2008, p. 14-15).

A esperança é esse mover-se para todos os lados, apesar dessa vida marcada pela finitude. É a liberdade para o ser enquanto aqui. A esperança cristã é efervescer do Espírito Santo em nossa existência terrena. A esperança cristã, fundamentada no Deus da Esperança, no Cristo crucificado e ressuscitado e no Espírito Santo vivificante, se distingue de outras expressões de esperança, ainda que extremamente importante, pela certeza de um poder supremo – Deus, e isso pela fé, que não corrobora com todo o processo de desesperança implantado no mundo. “Vivemos na expectativa de sua vinda” como a certeza de um cumprimento de promessa.

Quando Moltmann faz um paralelo entre a revelação do Espírito Santo e a promessa do futuro de Israel, compreende que a mesma revelação está presente também na igreja do Novo Testamentário. Para o teólogo,

Ela (a igreja) vivenciava Cristo como uma promessa e proclamava a sua morte e ressurreição como promessas do reino futuro de Deus. Para ela, o Espírito Santo era o “penhor” do futuro de Cristo (A presença do Espírito Santo torna Cristo uma realidade presente e futura). Na ressurreição Do Cristo crucificado e no envio do Espírito, Deus prometeu sua própria retidão na História, a vida conquistando a morte na ressurreição dos mortos e um Reino de Deus com uma nova plenitude do ser (GRENZ; OLSON, 2013, p. 210).

A presença do Espírito, pela fé, testifica a certeza de um futuro marcado pela esperança. O espírito nos movimenta para pensarmos esperançosamente e confrontar um presente “desesperançado”. “O cristianismo é total e visceralmente e não só a modo de apêndice (prolongamento de uma parte principal; acessório); ele é perspectiva e tendência para frente e por isto mesmo, renovação e transformação do presente” (MOLTMANN, 1971, p. 2). O escatológico é o meio pela qual a fé cristã se move. A escatologia estabelece o tom e nuances da vida, fazendo sua projeção para “o tudo” que está à sua volta. Ainda Moltmann,

afirma que “somente a esperança é ‘realista’, porque somente ela toma a sério às possibilidades que impregnam tudo o que é real” (MOLTMANN, 1971, p. 13). A alienação nega a realidade, abstenendo-se de confrontá-la, e sem essa confrontação da realidade, o ‘poder criativo’ da esperança torna-se inócuo. Por isso, somente a esperança nos permite olhar o presente (*chronos*) numa perspectiva de um futuro (*kairós*) melhor.

3. A ESPERANÇA NOS FAZ OLHAR CROMOS COM A EXPECTATIVA DO KAIRÓS

“A esperança é o sonho do homem acordado”
(Aristóteles).

A esperança não negligencia com a vida presente em nome de uma vida futura na eternidade (eschaton). A fé que não se permite olhar para a realidade do presente, abre espaço para opressão que se alimenta do olhar estático diante da realidade da vida e seu entorno. Por isso, a amplitude de olhares que a Teologia da Esperança nos possibilita. Ela confronta as condições estruturais, inclusive do pecado. Moltmann, não é “um teólogo da acomodação” (GRENZ; OLSON, 2013, p. 207). Nenhum profeta pode se acomodar diante de toda e qualquer situação que feri o “Deus da Esperança”. A ausência da esperança transforma o mundo em sombra.

Aliás, Dante Alighieri (1265-1321) em sua obra, A Divina Comédia – O Inferno – Canto III, comenta a respeito das palavras que estavam escritas num tom escuro, no alto de um portal na entrada do inferno: “[...] Deixai toda esperança, vós que entraís” (ALIGHIERI, 1999, p. 7). Compreendemos que no “inferno da vida” a esperança de fato, fica de fora.

O sociólogo luso, Boaventura de Souza Santos, em Nem tudo está perdido, afirma que:

Esperar sem esperança é a pior maldição que pode cair sobre um povo. A esperança não se

inventa, constrói-se com alternativas à situação presente a partir de diagnósticos que habilitem os agentes sociais e políticos a serem convincentes no seu inconformismo e realistas nas alternativas que propõem. Se o desmantelamento do Estado social e certas privatizações (a da água) ocorrerem, estaremos a entrar numa sociedade politicamente democrática, mas socialmente fascista, na medida em que as classes sociais mais vulneráveis (a grande maioria da população) verão as suas expectativas de vida dependerem da benevolência e, portanto, do direito de veto de grupos sociais minoritários mas poderosos. O fascismo que emerge não é político, é social e coexiste com uma democracia de baixíssima intensidade. A direita que está no poder não é homogênea, mas nela domina a fração para quem a democracia, longe de ser um valor inestimável, é um custo econômico e o fascismo social é um estado normal (SANTOS, 2022).

78

Devemos observar que para Santos, a esperança ou a desesperança não está dissociada das questões sociopolíticas, e precisamos agregar esse conceito se quisermos ampliar nossos conceitos de esperança. E ainda afirma que “a filantropia e a caridade são politicamente reacionárias, quando em vez de complementar direitos sociais, se substituem a eles” (SANTOS, 2022). Isto significa que o assistencialismo/caridade não deve ser usado para ‘entorpecer a realidade’. A esperança nunca deve negar a realidade. A comida para quem está com fome é essencial, mas não significa justiça social para o problema da fome: não tem a ver essencialmente com esperança.

Santos, no seu pronunciamento em 8 de novembro de 2017, quando do recebimento do título Doutor ‘*honoris causa*’ na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reconheceu que vivemos um tempo incerto a que denomina de pensamento antissocial do social. A solidariedade foi substituída pelo individualismo. Denuncia a extrema polarização da riqueza e a Teologia da Prosperidade que aliena a igreja e os pobres. Gente não pros-

pera é solo fértil para decomposição do pensamento teológico. O neoliberalismo assim contribui, criando um clima de resignação/desesperança. É por isso, que ‘vítimas se voltam contra as vítimas’. Por isso, vítimas elegem políticos e políticas opressoras. Daí, a dialogicidade oposta entre a esperança e o medo (SANTOS, 2022).

Sobre o medo e a esperança, Santos afirma:

O medo e a esperança não estão igualmente distribuídos por todos os grupos sociais ou épocas históricas. Há grupos sociais em que o medo sobrepuja de tal modo a esperança que o mundo lhes acontece sem que eles possam fazer acontecer o mundo. Vivem em espera, mas sem esperança. Estão vivos hoje, mas vivem em condições tais que podem estar mortos amanhã. Alimentam os filhos hoje, mas não sabem se os poderão alimentar amanhã. A incerteza em que vivem é uma incerteza descendente, porque o mundo lhes acontece de modos que pouco depende deles. Quando o medo é tal que a esperança desapareceu de todo, a incerteza descendente torna-se abissal e converte-se no seu oposto: na certeza do destino, por mais injusto que seja. Há, por outro lado, grupos sociais em que a esperança sobrepuja de tal modo o medo que o mundo lhes é oferecido como um campo de possibilidades que podem gerir a seu bel-prazer. A incerteza em que vivem é uma incerteza ascendente na medida em que tem lugar entre opções portadoras de resultados em geral desejados, mesmo que nem sempre totalmente positivos. Quando a esperança é tão excessiva que perde a noção do medo, a incerteza ascendente torna-se abissal e transforma-se no seu oposto: na certeza da missão de apropriar o mundo por mais arbitrária que seja. [...] Vivemos em uma época em que a pertença mútua do medo e da esperança parece colapsar perante a crescente polarização entre o mundo do medo sem esperança e o mundo da esperança sem medo, ou seja, um mundo em que as incertezas, descen-

dentes ou ascendentes, se transformam cada vez mais em incertezas abissais, isto é, em destinos injustos para os pobres e sem poder e missões de apropriação do mundo para os ricos e poderosos. Uma porcentagem cada vez maior da população mundial vive correndo riscos iminentes contra os quais não há seguros, ou seja, se os há, são financeiramente inacessíveis, como o risco de morte em conflitos armados em que não participam ativamente, o risco de doenças causadas por substâncias perigosas usadas de modo massivo, legal ou ilegalmente, o risco de violência causada por preconceitos raciais, sexistas, religiosos ou outros, o risco de pilhagem dos seus magros recursos, sejam eles salários ou pensões, em nome de políticas de austeridade sobre as quais não têm qualquer controle, o risco de expulsão das suas terras ou das suas casas por imperativos de políticas de desenvolvimento das quais nunca se beneficiarão, o risco de precariedade no emprego e de colapso de expectativas suficientemente estabilizadas para planejar a vida pessoal e familiar ao arrepio da propaganda da autonomia e do empreendedorismo. Em contrapartida, grupos sociais cada vez mais minoritários em termos demográficos acumulam poder econômico, social e político cada vez maior, um poder quase sempre baseado no domínio do capital financeiro. Essa polarização vem de longe, mas é hoje mais transparente e talvez mais virulenta (SANTOS, 2022).

Sem dúvida, a esperança se torna uma afronta ao medo. Claro que pensamentos divergentes em relação à cosmovisão de Santos. Entretanto, se quisermos pensar no *cronos* neste mundo pandêmico e pós-pandêmico. A esperança é realista (MOLTMANN, 1971, p. 13).

Voltando os nossos olhos para o problema inicial que está relacionado com a pandemia do Covid-19 e suas consequências, Santos nos chama a refletir se iremos trilhar o caminho do medo ou da esperança. Assim como todas as pandemias vivenciadas pela história da humanidade, o *eschaton* esteve presente, mas

a realidade da morte trouxe pânico. Diz o sociólogo que a “Covid-19 comporta-se como 1% mais rico da população mundial: uma senhora toda poderosa, que não conhece fronteiras nem limites éticos” (SANTOS, 2021). A fé não deve ignorar os fatos. Pobreza e pandemia são um binômio perigoso para o futuro, o que coloca o *status quo* numa situação de risco e vulnerabilidade.

Frei Beto em *O Diabo na corte: Leitura crítica do Brasil atual* considera que:

O recurso mais utilizado para neutralizar a pobreza é o religioso. As coisas são assim porque Deus quer. Porém, quem vive conforme os preceitos da fé alcança a prosperidade. Basta trabalhar arduamente, deixar de fumar e beber, limitar o número de filhos (de preferência, o homem fazer vasectomia), e, se necessário, praticar o aborto induzido, conforme defende Edir Macedo, cuja Igreja Universal do Reino de Deus é a favor da sua descriminalização. [...] O importante, nesse viés ideológico, é aceitar que a riqueza é uma benção divina e não se deve pretender reduzi-la através de políticas que propiciem distribuição de renda. E a pobreza é sinal de maldição... [...] O único grande problema é que não se conhece povo que tenha suportado a desigualdade por longo tempo. Há um momento em que a ostentação dos ricos é vista pelos pobres como ofensa. Então, estes descobrem que são maioria e têm em mãos um poder que, até hoje, nenhuma força bélica foi capaz de superar (BETO, 2020, p. 32).

Ainda que não concordemos com o pensamento de Frei Beto, não podemos ignorar que alguns seguimentos da igreja cristã, com graves indícios de desconhecimento da história, de forma leviana e preconceituosa, tratou a pandemia como um castigo divino e que não atingiria os cristãos que verdadeiramente tivessem fé e se tornaram negacionistas diante de milhões de mortes. A esperança não cria “ilhas de proteção”; ela é comunitária; é inclusiva.

Reconhecemos que o vírus da Covid-19 trouxe à tona as mazelas já existentes. Boaventura Santos em *A cruel pedagogia do vírus*, sobre isso afirma:

A atual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade. Desde a década de 1980– à medida que o neoliberalismo se foi impondo como aversão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro–, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. Uma situação duplamente anômala. Por um lado, a ideia de crise permanente é um oxímoro (dois termos opostos que resultam em um paradoxo), já que, no sentido etimológico, a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos fatores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica tudo o resto. Por exemplo, a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários. E assim obsta a que se pergunte pelas verdadeiras causas da crise. O objetivo da crise permanente não é resolvido é não ser resolvida. Mas qual é o objetivo desse objetivo? Basicamente são dois: legitimar a escandalosa concentração de riqueza e boicotar medidas eficazes para impedir a eminente catástrofe ecológica. Assim temos vivido nos últimos quarenta anos. Por isso, a pandemia vem agravar uma situação de crise que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade. Em muitos países os serviços públicos de saúde estavam mais bem preparados para enfrentar a pandemia há dez ou vinte anos do que estão hoje (SANTOS, 2022, p. 6-7).

Nesse *cronos* todos nós somos contemporâneos, pois partilhámos das mesmas contradições do nosso tempo. “O camponês africano é contemporâneo do executivo do banco Mundial que

foi avaliar as condições de investimento internacional em seu território” (SANTOS, 2020, p. 1). Isto é paradoxal. Essa simultaneidade nem sempre é perceptível no tempo – hoje. A contemporaneidade é heterogenia. Por isso, o vírus da Covid-19 é hiper-contemporâneo, o que vem a se misturar na essência do ser. Como posso me compreender sem considerar o Covid-19? Como viver o *Kairós* diante da realidade da morte, ou mesmo que sobrevivamos como vencer a complexidade de seus efeitos?

Aqui retomamos o pensamento teológico de Moltmann. “Por causa da esperança nós não nos entregamos, mas nos mantemos como seres insatisfeitos e inquietos num mundo injusto e não redimido” (MOLTMANN, 2008, p. 25). A esperança também trilha pela estrada da insatisfação. A insatisfação que se faz confrontar com a realidade a ser vencida por uma esperança consciente. Entretanto, a pandemia da corona vírus traz uma ideia latente do apocalipse, o que pode resultar, segundo Boaventura Santos, numa percepção de que a sociedade enfrenta um caminho inelutável de decadência (SANTOS, 2020, p. 4). A pandemia “exacerba a pulsão apocalíptica (o presente como fim dos tempos) que tem vindo a ganhar terrenos nomeadamente com a expansão das religiões fundamentalistas, tanto judaico-cristão como islâmicas” (SANTOS, 2020, p. 4). Ora se é inexorável de que o mundo mais cedo ou mais tarde terminará a partir de uma tragédia global, para que esperança ou qual a sanidade numa luta onde seremos perdedores?

Em nenhum momento estamos afirmando para não crermos no *eschaton* (Mt 24.36-39; At 1.9-11; 1 Ts 5.1-3). A questão, é quando a fé deixa de perceber que esse tempo pertence ao Senhor, e enquanto aguardamos com expectativa esse dia (Tt 2.2; Rm 8.18-19).

Parte da incompreensão em relação à Teologia da Esperança de Moltman é pensar que ele negligencia com a escatologia. Segundo Miller e Grenz, Moltmann apresenta uma teologia “de perfil totalmente escatológico, uma teologia que gira em

torno da expectativa atual de um futuro glorioso. [...] Ele quer dar a escatologia o lugar que ela merece no coração da teologia” (MILLER; GRENZ, 2011, p. 129). Sua teologia “é fundamentada na Bíblia, de orientação escatológica e politicamente responsável” (MILLER; GRENZ, 2011, p. 131). O cristianismo, portanto, na linguagem de Mondin, “é uma religião do futuro, que concebe a realidade não como uma ordem estática, imóvel, eterna, mas como um projeto dinâmico e histórico, que se dirige para um futuro cada vez maior” (MONDIN, 1978, p. 97). Trata-se do *cronos* sofrendo o impacto do *Kairós*. A grande questão de Moltmann é quando engendra na teologia às questões sociopolíticas, tema que tira o ‘estado de satisfação’ da igreja. Mas, “a fé une o homem a Cristo, a esperança abre esta fé para o vasto futuro de Cristo” (MOLTMANN, 1971, p. 7). O ‘futuro de Cristo’ envolve o presente da humanidade (*cronos*) ainda que estejamos envolvidos em catástrofes. “Todo desespero pressupõe a esperança” (MOLTMANN, 2008, p. 27).

84

Ao comentar sobre a sua teologia, Moltmann afirma que a sua teologia “libertou cristãos e não-cristãos” (MOLTMANN, 2008, p. 28). A partir da década de sessenta o mundo começou a desprender-se do nazismo e seus efeitos. Em 1964, a Teologia da Esperança alcança os circuitos teológicos da época – a opção pelos pobres, luta pelos direitos civis, revolução cubana – um socialismo com rosto humano. A esperança desafiava o presente a se desprender do passado e buscar o novo (*Kairós*). A razão de nossa esperança, a partir da fé se torna um instrumento de transformação. A esperança busca um futuro melhor (Is 40.3-5) (MOLTMANN, 2008, p. 28-29).

“A minha intenção com a ‘teologia da esperança’ não foi senão a devolver à igreja, ou melhor, à cristandade, sua autêntica esperança para um novo mundo” (MOLTMANN, 2008, p. 29). A teologia está firmada no conceito da promessa divina, da ressurreição de Cristo crucificado como uma promessa para o mundo e uma compreensão da história como missão (MOLT-

MANN, 2008, p. 29). Esses axiomas teológicos, diante uma pandemia como estamos vivendo, do clamor ecológico da terra e do provável fracasso das religiões, mas do que nunca somos chamados nesse *cronos* a vivenciarmos a esperança como uma grande sinfonia sob a égide do *Kairós*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esperança caminha pela estrada da fé que é marcada pela historicidade – qualidade do que pertence à história; realidade histórica das pessoas e eventos. A esperança não é negacionista, não se torna um delírio ou ficção diante do palco da história onde se é encenada uma tragédia (pandemia da Covid-19), da qual a morte é apenas um de seus atos/cenas. A tragédia apresenta uma série de dramas para os sobreviventes. Claro que a vida é um grande prêmio, um grande êxito, mas a vitória contra o Covid-19 apresenta sinais de uma vitória pírrica – obtida com alto preço, mas potencialmente acarretadora de prejuízos irreparáveis.

Segundo *The Lancet* (revista científica do Reino Unido) e a *Imperial College* (universidade londrina de ciência, tecnologia e medicina) a pandemia causou a orfandade de cinco milhões de crianças e adolescentes, (até 18 anos) conforme os dados publicados por essas instituições até outubro de 2021. No Brasil, são 168.500 órfãos, mas se considerarmos os avós que tinham a guarda das crianças o número excede os 194.200. Num país onde 68,3% dos municípios têm menos de 20 mil habitantes, o grande número de órfãos se constitui num drama marcado pela desesperança. O drama da pandemia não se torna conclusivo nos quase 5,5 milhões de óbitos no mundo ou 620 mil no Brasil (10/1/22), mas esses dados revelam apenas um aspecto dessa tragédia com suas consequências ainda imensuráveis em sua amplitude.

Mais do que nunca precisamos de esperança para caminhar, da “Sinfonia da Esperança” para vivermos a possibilidade do *Kairós*. Não temos dúvida de que o Estado, a Escola, a

Família, a Religião e Trabalho sofreram e sofrerão ainda o impacto da Covid-19 inaugurando uma nova época, a exemplo da Pós-modernidade. Ainda é tudo muito recente, embrionário. Por enquanto, almejamos a sobrevivência. Sobre a igreja, inúmeras especulações. A sociedade enfrenta um luto silencioso, sem que lhe permita elaborar o luto dessas perdas. Não há tempo para sofrer. Pelas estradas da vida, muitos fragmentos. A Covid-19 escancarou às linhas abissais. Revelaram todas as nossas fragilidades, inclusive, as estruturas eclesiais.

Compreendemos que a esperança se trata de uma urgência, daí a relevância do tema desse artigo. Motivado pela obra do maestro italiano Francesco Lotoro “*O Maestro em busca da última música*” composta a partir de fragmentos dos campos de concentração nazistas, onde foram dizimados judeus, ciganos, deficientes, gays e dissidentes políticos denominados de ‘comunistas’, pensamos na “*Sinfonia da Esperança no poslúdio da pandemia da Covid-19*”. A música da esperança no *Gran Finale* da tragédia covidária. Mas, segundo Mia Couto, “agora é preciso ter coragem para ter esperança”.

Durante o artigo enfocamos “**O Deus da Esperança, a história e um olhar sobre a Teologia da Esperança**”. Jüngen Moltmann debruça sua teologia sobre descoberta impactante do Deus da Esperança (Rm 15.13). Deus se faz presente em meio ao nosso sofrimento. A esperança não perde o senso da realidade histórica, não é alienante, mas conserva o olhar escatológico do *eschaton*. A fé é o solo fértil de onde renasce a esperança. Podemos compará-la às enchentes do Nilo que abençoava o solo com a fertilidade para a produção agrícola. Esperança gera movimento. História em direção ao futuro. Esperança e história se complementam. É a presença de Deus em meio aos eventos históricos. A Teologia da Esperança fundamentada no “Deus da Esperança” não se permite escravizar-se. Resulta sempre do conhecimento e da com-vivência com Deus.

Mas, **“O Deus da Esperança veio a nós na pessoa de Cristo e do Espírito Santo”**. Para Moltmann “Ele, Jesus, é a nossa esperança” (CI 1.27). Cristo é tudo e ele nos move para o futuro. São as suas promessas que se tornam a nossa esperança segura. Cristo é a presenciarização/encarnação de Deus entre nós. É Cristo que, apesar da nossa finitude, nos faz em esperança, nos movimentarmos para todos os lados. A esperança cristã resulta também do efervescer do Espírito. Por isso, nossa esperança está fundamentada no Cristo crucificado e ressuscitado e no Espírito vivificante. A esperança em nós, cristãos, é obra do Espírito, porque, ela, a esperança não desaponta//envergonha (Rm 5. 5). A presença do Espírito, pela fé, testifica da nossa certeza de um futuro marcado pela esperança. E quanto mais intenso for a nossa relação com o Altíssimo, maior e mais profundo será o nosso olhar para o entorno, para a realidade.

A esperança não negligencia com a realidade por conta da expectativa de um futuro –*eschaton*. Mas, **“a esperança nos faz olhar o Cronos com a expectativa do Kairós”**. Não haverá esperança/*Kairós* sem um olhar responsável para a realidade/*Cronos*. A pandemia da Covid-19 abre o leque de oportunidades para a práxis eclesial e as muitas pesquisas. Não podemos perder a esperança. Precisamos trazer a esperança para dentro da realidade conjuntural. Não podemos abraçar a “infantilidade da fé” com o propósito de negarmos a realidade ou explicarmos tudo de maneira simplista como o final dos tempos. A esperança não cria “ilhas de proteção/negação”. Mas, nos encoraja para a enfrentarmos a vida e suas vicissitudes puxando para dentro dessa vida o Deus da Esperança. Essa é nossa tarefa profética. Precisamos trazer música, melodia, *“Sinfonia da Esperança no poslúdio/gran finale da pandemia da Covid-19”*. Claro que essa “sinfonia” exige tempo. Lotoro amalha fragmentos há mais de trinta anos. Onde estão estes fragmentos? Na sociedade, nos condomínios de luxo, nas casas simples, nas vielas, nas favelas, nos subterrâneos do silêncio da dor e da solidão. Precisamos

encontrá-los. Quem? Nós, os chamados e vocacionados para o tempo que se chama hoje. Todos nós. Qualquer um de nós poderá fazer música.

Daremos uma pausa nessa temática a partir de uma música intitulada *Canção de Esperança*, da compositora e cantora paraibana, Flávia Wenceslau vencedora dos prêmios Caymmi de música de 2007 e 2017 (flaviawenceslau.com):

A Esperança
Tece a linha do horizonte
Traz tanta paz
Em reluzente e doce olhar

Que nos conforta
Quando o mar não é tão manso
Quando o que resta
É só o frio sem luar

E nasce leve, devagar.
Em uma canção de ninar
Que nos acolhe pra dizer
O Amor jamais deixou você

Oh, Esperança
És para sempre, sempre viva.
Te ofereço a minha casa pra morar
Nos meus sentidos
Quero ter os teus conselhos
Na minha voz
Eu quero sempre ir te encontrar

Se alguma coisa eu temer
Estou contando com você
Pra me dizer ao me acalmar
Que o amor jamais me deixará

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**: inferno / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. São Paulo, 1999.

ALVES, Rubem. **Da Esperança**. Tradução de João Francisco Duarte Jr. Campinas: Papirus, 1987.

BETO, Frei. **O diabo na corte**: leitura crítica do Brasil atual/ Frei Beto. São Paulo: Cortez, 2020.

CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**, Tomo 2. Livros III e IV. Tradução de Elaine C. Sartorelli. São Paulo: UNESP, 2009.

COUTINHO, Antônio A. **Hinários Favoritos Evangélicos**. Vol. 1. 2.ed. Campinas: Amaral & Rangel, 1968.

COUTO, Mia. 'Agora é preciso coragem para ter esperança'. Araraquara-SP: 2018 p.1-13. Disponível em: <https://revistaprosaveroearte.com/agora-e-preciso-coragem...> Acesso em: 11 out. 2022.

COUTO, Mia. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano. Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FABRO, Cornélio. **Deus**. Tradução de Fernando dos Santos. São Paulo: Herder, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FURTER, Pierre. **Dialética da Esperança**: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GRAHAM, Billy. **A razão da minha esperança**: resiliência e perseverança para nunca desistir. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

GRENZ, Stanley J.; OSLON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Tradução de Susana Klassen. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

HARTLEY, John E. Esperança (termos derivados) In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Deus em busca do homem**. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: Arx, 2006.

HOFFMANN, Ernst. Esperança. Expectativa. In: COENEN, Lothar.; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. **Teologias Contemporâneas**. Tradução de Antivan Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MOLTMANN, Jürgen. **Paixão pela vida**. São Paulo: ASTE, 1978.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Herder, 1971.

MOLTMANN, Jürgen. **Vida, Esperança e Justiça. Um testamento teológico para a América Latina**. Tradução de Haroldo Heimer; Levy da Costa Bastos. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008.

MONDIN, Battista. **As teologias do nosso tempo. Teologia Hoje**, 12. Tradução de Manuel Alves da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século XX**: os teólogos protestantes e ortodoxos. Tradução de José Fernandes. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 1979-1980.

RAD, Gerhard von. A realidade de Deus. In: GERSTENBERGER, Erhard S. (Org.) **Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1981.

ROOS, Jonas. Teologia protestante no século XX. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

ROWLEY, H. H. **A fé em Israel**: aspectos do pensamento do Antigo Testamento. Tradução de Pe. Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Boaventura**: a incerteza entre o medo e a esperança. Disponível em: <https://revistaphilos.com/2018/01/31/-o-medo-entre-aincerteza-a-esperanca>, 2018. Acesso em: dez. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Discurso na UFRGS**. Disponível em: <https://wsf2018.org/ar/outras-ideais-de-esperanca-boaventura-souza-santos/> 2018. Acesso em: dez. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Nem tudo está perdido**. Disponível em: <https://novosmigrantes.blogspot.com/2014/07-nem-tudo-esta-perdido-htlm>. Acesso em: dez. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Coronavírus e a pós-pandemia**: medo ou esperança, que caminho trilharemos? Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/analise/64671/boaventura-o-coronavirus-e-a-pospandemia-que-caminho-trilha...> 2020. Acesso em: dez. 2021.

WRIGHT, G. E. **O Deus que age**. Tradução de Sumio Takatsu.
São Paulo: ASTE, 1967.